



PROFANAÇÃO COMO TÁTICA DE RESISTÊNCIA AO BIOPODER

Bruna Luyza Forte Lima Oliveira e Grazielle Barros da Silva*

RESUMO

No intervalo de um ano compreendido entre julho de 2013 e 2014, inúmeros protestos eclodiram em todo o território nacional devido à realização do mundial da FIFA no Brasil. Além de ocuparem as ruas, manifestantes encontraram também outras formas de desobedecer o *status quo*. É sobre uma dessas táticas de subversão da ordem que o presente artigo se debruça: uma artista plástica carioca “hackeou” o cromos da Coleção Oficial de Figurinhas Copa do Mundo da FIFA 2014 e pintou, nos rostos dos jogadores das seleções de futebol, as máscaras pretas utilizadas pelos adeptos do método black bloc. Após a intervenção, ela selava os pacotes de figurinhas corrompidas e os deixava nos locais de venda novamente. Considerando os conceitos de biopoder e biopotência nos filósofos Michel Foucault e Peter Pál Pelbart, abordamos, à luz dos pesquisadores Giorgio Agamben e Michel de Certeau, as táticas de profanação dos dispositivos do poder — no caso estudado, representado pelo Estado e pela FIFA. O artigo ressalta a proximidade entre esses conceitos, buscando entender como a “estratégia” em Certeau e o “dispositivo” em Agamben têm nas definições de tática e profanação ações que não são opostas, mas interdependentes. Como métodos utilizados na produção do artigo recorreremos à pesquisa documental e à revisão bibliográfica.

PALAVRAS-CHAVE: Biopoder. Biopotência. Bispositivo. Tática. Profanação. Copa do Mundo FIFA 2014.

ABSTRACT

In the course of one year, between July 2013 and 2014, numerous protests erupted across the country due to the realization of FIFA World Cup in Brazil. Besides occupying the streets, demonstrators also found other ways to disobey the status quo. It is on one of these subversion tactics of order that this article focuses: a Rio performance artist “hacked” the Official pictures of the FIFA World Cup 2014 Collection chromes and painted, on the faces of the football team players, the black mask used by supporters of the black bloc method. After the intervention, she sealed the packets of corrupted pictures and left them for sales again. Considering the concepts biopower and biopolitics in philosophers Michel Foucault and Peter Pál Pelbart, we investigate, with the support of Giorgio Agamben and Michel de Certeau, possible profanation tactics in face of power dispositives — in this case, represented by the State and FIFA. The paper emphasizes the proximity between these two concepts in order to understand how “strategy” in Certeau’s thought and “dispositive” in Agamben’s find, in the definition of tactics and profanation, actions that are not opposed, but interdependent. As methods, we resort to documental research e bibliographical revision.

KEYWORDS: Biopower. Biopotency. Dispositive. Tactic. Profanation. 2014 FIFA World Cup.

1. A Copa do Mundo e a ratificação do biopoder

Desde 2007, quando o Brasil foi oficialmente eleito sede da Copa do Mundo da FIFA (Fédération Internationale de Football Association) de 2014, “legado” tornou-se uma das expressões mais repetidas em todo o país. De euforia à rejeição, o mundial mobilizou sentimentos diversos nos brasileiros — que tomaram as ruas carregando ora bandeiras verdes e amarelas, ora cartazes reivindicando direitos fundamentais e, muitas vezes, assumindo posturas tanto de torcedores quanto de manifestantes. A “catarse coletiva” nas manifestações que levaram milhões às ruas no ano passado, durante a Copa das Confederações [1], apresentou-nos uma questão pertinente: será que o famigerado “legado” da Copa da FIFA está relacionado, na verdade, à construção da ideia de ocupar os espaços públicos como forma de resistência ao poder hegemônico?

Em setembro de 2013, uma pesquisa do CNI/Ibope apontou um dado interessante: 89% dos entrevistados no período entre 9 e 12 de julho do ano passado se disseram favoráveis aos protestos que eclodiram em todo o país. No entanto, talvez muito mais relevante do que abordar números e pautas seja pensar esse contexto no qual a sociedade resistiu à submissão aos mecanismos de existência — já tão interiorizados em nossos corpos pela manutenção da ordem através das leis e do uso da força policial — e expressou indignação com a histórica exclusão do povo nos processos de construção da esfera política, como por exemplo a realização do megaevento mundial da FIFA no país, o qual resultou em gastos ostensivos (segundo dados do próprio governo brasileiro divulgados no último mês de maio, a Copa custou R\$ 25,6 bilhões ao país e, deste valor, 83% saíram dos cofres públicos) e cuja única participação popular na arbitrária decisão estatal foi a escolha do nome do mascote da Copa por meio de votação online no site oficial da FIFA. Negar a paixão dos brasileiros pelo futebol é impossível: a tradição vitoriosa da seleção brasileira é conhecida mundialmente. Mas a Copa do Mundo no Brasil foi como colocar o dedo em uma ferida nunca cicatrizada. Apesar das pautas diversas — e, muitas vezes, até mesmo contraditórias, um característica da multidão que, ao contrário da massa, pode ser descrita como “heterogênea, dispersa, complexa, multidirecional” (PELBART, 2011, p. 26) — a indignação popular revelou causas concretas em uma nação tão repleta de contradições. Foram os investimentos bilionários com o dinheiro público em equipamentos privados e inacessíveis a todos; as remoções de famílias inteiras de suas moradias; a morte de trabalhadores nas reformas dos estádios; o aumento da exploração sexual infanto-juvenil; o higienismo social com a retirada dos moradores das ruas dos olhares curiosos dos estrangeiros; o descaso com a saúde e a educação; tudo isso fervilhou e sacudiu-nos de um estado de letargia e aceitação.

Resistir ao poder, porém, é também questionar ações da vida cotidiana. Isso porque o poder não é mais tão somente uma instância superior

1. Evento também organizado pela FIFA e que precede a Copa do Mundo. Aconteceu no período de 15 a 30 de junho de 2013 em seis das dozes cidades sedes do mundial de 2014.

e exterior aos corpos — ele tomou a vida. Em seu artigo “Biopolítica” (2007), o filósofo e ensaista húngaro Peter Pál Pelbart comenta que o poder penetrou e mobilizou todas as esferas da existência “desde os genes, o corpo, a afetividade, o psiquismo, até a inteligência, a imaginação, a criatividade. Tudo isso foi violado, invadido, colonizado; quando não diretamente expropriado pelos poderes” (PELBART, 2007, p. 57). Aceitar as decisões da FIFA e do governo com naturalidade é resultado também dessa docilização, dessa presença do poder como força que não só domina, mas também constitui o corpo social. Em *Microfísica do poder* (1979), o filósofo francês Michel Foucault reflete sobre essa dominação:

o poder deve ser analisado como algo que circula, ou melhor, como algo que só funciona em cadeia. Nunca está localizado aqui ou ali, nunca está nas mãos de alguns, nunca é apropriado como uma riqueza ou um bem. O poder funciona e se exerce em rede. Nas suas malhas o indivíduos não só circulam mas estão sempre em posição de exercer este poder e de sofrer sua ação; nunca são o alvo inerte ou consentido do poder, são sempre centros de transmissão. Em outros termos, o poder não se aplica aos indivíduos, passa por eles. (...) Ou seja, o indivíduo não é o outro do poder: é um de seus primeiros efeitos. O indivíduo é um efeito do poder e simultaneamente, ou pelo próprio fato de ser um efeito, é seu centro de transmissão. O poder passa através do indivíduo que ele constituiu (FOUCAULT, 1979, p. 183-184)

É a esse poder que acontece também em nível interno que Pelbart chama de biopoder, resgatando o conceito desenvolvido por Foucault em 1970. Como esse “poder sobre a vida” se estabeleceu ao longo do tempo como forma também de intensificá-la, sentimos dificuldade de resistir a ele, pois já nos confundimos com esse poder. Aproximando a questão do tema de pesquisa deste artigo, cabe refletir: a realização do mundial da FIFA em nosso país, nos termos determinados autoritariamente, foi um desejo nosso ou até nossos anseios foram capturados pelo poder?

Como corpos vibráteis, somos atravessados também por forças do mundo, as quais nos afetam. É essa potência da vida que gera a indisciplina, a desobediência, a aversão ao *status quo* que mantém a ordem social. Afirma Pelbart que

o corpo não agüenta mais tudo aquilo que o coage, por fora e por dentro. Por exemplo, o corpo não agüenta mais o adestramento civilizatório que por milênios se abateu sobre ele. (...) Mas também o que o corpo não agüenta mais é a docilização que lhe foi imposta pelas disciplinas nas fábricas, nas escolas, nos exércitos, nas prisões, nos hospitais, pela máquina panóptica. (PELBART, 2007, p. 62)

É essa biopotência que nos leva a subverter esses instrumentos de É a biopotência que nos leva a subverter os instrumentos de dominação. “A biopotência inclui o trabalho vital, o poder comum de agir, a potência de autovalorização que se ultrapassa a si mesma, a constituição de uma comunalidade expansiva (...)” (PELBART, 2011, p. 86). É essa força que

impulsiona o homem a encontrar táticas para corromper o programa — sejam elas externas ou até mesmo através da profanação de dispositivos do próprio poder hegemônico. É sobre uma dessas intervenções e apropriações que o presente artigo se debruça; em maio deste ano, uma artista plástica [2] carioca realizou uma ação que chamou atenção da mídia, como o jornal O Globo, o Correio Braziliense e a Folha de S. Paulo. Ela “hackeou” unidades dos cromos oficiais do álbum de figurinhas da Copa do Mundo e pintou, nos rostos dos jogadores de diversas seleções de futebol, máscaras como as usadas pelos adeptos da tática black bloc nas manifestações. A atividade se tornou pública a partir da divulgação feita pelo Coletivo Vinhetando (www.facebook.com/vinhetando), que cobriu a ação da artista.

“Por fora, o pacote parece intacto, mas foi meticulosamente selado pela artista (com cola pritt), depois de desenhar máscaras pretas nos rostos dos jogadores”, explica o coletivo em sua página no site de rede social Facebook [3]. Após a ação, a artista plástica jogava os pacotes no chão perto de bancas ou de locais movimentados para que os colecionadores das figurinhas adquirissem os cromos modificados. Pensando esse trabalho como uma tática de subversão às estratégias do biopoder, analisamos a citada intervenção realizada no estado do Rio de Janeiro.

2. Dispositivos e estratégias

É protesto ou é piada? Como levar a sério um “coletivo” que faz uma atitude ridícula, babaca e imbecil como essa? O Black Bloc é uma piada pronta, já sabemos. Mas isso além de patético, é crime contra o código de defesa do consumidor. O que um pai vai falar pro filho ao dar figurinhas da Copa pro garoto e vier figurinhas vandalizadas? Bem, mas o que esperar de gente que pixa muro, queima ônibus e quebra vidraça né? Vá rabiscar figurinha na cadeia [sic]. F.V. [4]

Esse é um dos comentários feitos por um usuário da rede social Facebook acerca da intervenção realizada nos cromos. Como ele, outros tantos questionaram qual seria a relevância e o impacto efetivo para a FIFA, para a Copa ou para o país, gerados pelo trabalho. O comentário citado aqui, como é de praxe nas redes sociais, analisa, julga e lança um veredito sobre a questão sob um viés restrito — nesse caso, o usuário se focou em aspectos jurídicos, sendo este um vasto campo de atuação do poder do Estado. Nossa análise é outra. A fim de compreender algumas das significações possíveis do procedimento realizado pela artista plástica carioca no contexto do regime da biopolítica, exposto acima, recorremos aos conceitos “dispositivo” e “profanação”, do filósofo italiano Giorgio Agamben, e também buscamos realizar aproximações entre essas e as definições de estratégia e tática na perspectiva do historiador francês Michel de Certeau.

2. Por meio de investigação, conseguimos descobrir o nome da artista. No entanto, por considerarmos de fundamental importância e respeitando a vontade da mesma, que até agora não permitiu ter seu nome revelado em público, não a citaremos nominalmente, nos referenciando a ela sempre pelo seu ofício.

3. “Sites de redes sociais são os espaços utilizados para a expressão das redes sociais na Internet.” (RECUERO, 2009).

4. Comentários em sites de redes sociais não estão entre as normas da ABNT. Para preservar o usuário da rede de eventual retalhação, ou qualquer tipo de prejuízo, o identificamos apenas por suas iniciais.



Img. 1 Artista plástica pinta o rosto dos jogadores participantes da Copa do Mundo 2014. Crédito: Coletivo Vinhetando/ Reprodução.

Há, na produção de Agamben, uma herança explícita do pensamento foucaultiano, principalmente no que se refere às questões metodológicas e do regime de biopoder — como citado anteriormente, também resgatado por Pelbart. Em seu ensaio “O que é um dispositivo?” (2009), Giorgio Agamben inicia o texto discorrendo sobre a importância das questões terminológicas. Segue realizando um pequeno estudo genealógico sobre o termo dispositivo, buscando compreender de que maneira Michel Foucault entra em contato com esta palavra. A investigação de Agamben passa por Hyppolite, estudioso de Hegel e professor de Foucault, e vai até as origens gregas do termo *oikonomia* traduzida ao latim como *dispositivo*.

O filósofo italiano também realiza uma contextualização do termo na pesquisa de Foucault, bem como suas implicações. Esse caminho se faz necessário para compreendermos o que, enfim, Agamben nomeia “dispositivo” e, posteriormente, “profanação”. Agamben (2009) considera que Foucault não chega a definir com precisão o termo, mas a partir de sua leitura da obra infere que “os dispositivos são precisamente o que na estratégia foucaultiana toma o lugar dos universais: não simplesmente esta ou aquela medida de segurança, esta ou aquela tecnologia do poder (...)” (AGAMBEN, 2009, p. 33). Ou seja, em sua análise não é um termo restritivo, mas um termo geral que “é um conjunto heterogêneo, linguístico e não-linguístico, que inclui virtualmente qualquer coisa no mesmo título: discursos, instituições, edifícios, leis, medidas de polícia, proposições filosóficas etc. O dispositivo em si mesmo é a rede que se estabelece entre esses elementos” (AGAMBEN, 2009, p. 29).

É interessante observarmos como o termo “estratégia” encontra-se relacionado ao termo dispositivo, na perspectiva de Foucault e, consequentemente, de Agamben. “O dispositivo tem, portanto, uma função eminentemente estratégica (...)” (FOUCAULT, 1970 *apud* AGAMBEN, 2009). De origem militar, estratégia e tática são conceitos adotados por Michel de Certeau para pensar sobre nossas práticas cotidianas, tais como ler, cozinhar, caminhar pela cidade, falar, consumir em sentido amplo e não apenas monetário.

Nesse contexto, estratégia é considerada a soma das relações de força em um dado campo, uma vez que “a estratégia postula um lugar suscetível de ser circunscrito como algo próprio e ser a base de onde se podem gerir as relações com uma exterioridade de alvos ou ameaças (os clientes ou os concorrentes, os inimigos, o campo em torno da cidade, os objetivos e objetos da pesquisa etc.)” (CERTEAU, 2012, p. 93). Propomos pensar essa base, esse lugar no qual o poder atua, palco de suas estratégias, como o mundo contemporâneo e os dispositivos como agentes que exercem essa força — que é o poder de controlar, governar a vida dos indivíduos, constituindo assim o regime da biopolítica.

Pois bem, o que nos faz entender como dispositivos o Estado, uma organização internacional (FIFA), um campeonato de futebol e um álbum de figurinhas? É a proposta de Giorgio Agamben para que encaremos o mundo a partir de uma radical separação, “(...) maciça

Img. 2 Após a intervenção, os pacotes são novamente selados e devolvidos aos locais de compra. Crédito: Coletivo Vinhetando/ Reprodução.



5. Se para Foucault os dispositivos produziam processos de subjetivações, para Agamben, no atual estágio do capitalismo, o que resulta entre o contato de seres e dispositivos são processos de dessubjetivação, que fazem como que o sujeito execute “pontualmente tudo o que lhe é dito e deixa que os seus gestos quotidianos, como sua saúde, os divertimentos, como suas ocupações, a sua alimentação e como seus desejos sejam comandados e controlados por dispositivos até nos mínimos detalhes” (2009, p. 49).

divisão do existente em dois grandes grupos ou classes: de um lado, os seres vivos (ou, as substâncias), e, de outro, os dispositivos em que estes são incessantemente capturados” (2009, p. 40). Assim, tudo o que tem alguma condição para interferir, orientar, governar os seres vivos torna-se um dispositivo.

Sob essa perspectiva, consideramos o álbum de figurinhas um dispositivo que faz parte de uma estratégia, uma implicação de força de poder, a fim de capturar ainda mais a subjetividade dos sujeitos em prol de seu governo. A Coleção Oficial de Figurinhas Copa do Mundo da FIFA 2014™, nome oficial do álbum, tem caráter lúdico e sedutor. Pelo fato de ser uma coleção, exige engajamento por parte dos consumidores e estimula a competitividade em busca de ter o álbum completo. Em matéria publicada pelo portal de notícias UOL e reproduzida no site da Panini, editora do álbum, são listados dez motivos para iniciar a coleção. Entre os motivos apresentados estão “recordação, fazer novos amigos, estreitar laços de amizade, saber quem são todos os jogadores e aprender sobre o mundo”. Em outras palavras, são listadas razões que apelam para memória, infância e relações afetivas. Percebemos a busca para criar uma relação de proximidade entre o público e o mundial da FIFA, uma docilidade quase familiar. Agamben comenta nesse sentido que “na raiz de todo dispositivo está, deste modo, um desejo demasiadamente humano de felicidade, e a captura e a subjetivação deste desejo, num esfera separada, constituem a potência específica do dispositivo” (2009, p. 44).

A Copa de 2014 foi a mais rentável para os produtores do álbum de figurinhas do mundial. Isso porque, de acordo com os dados da editora do caderno, foram impressos 8,5 milhões de exemplares, ante 5 milhões na Copa da África do Sul, de 2010, um crescimento de 70%. Ou seja, o total de adesivos quadruplicou.

O dispositivo facilmente se inseriu no cotidiano de milhares de brasileiros: a troca de autocolantes se tornou hábito em praças e bancas de revista, grupos se articularam em redes sociais, famosos comentaram, pessoas de todas as idades aderiram ao consumo do álbum, pais e filhos compartilharam esse momento como tradição. Assim, tal dispositivo alterou a rotina de vida desses indivíduos.

3. A profanação como tática

Diante da onipresença dos dispositivos que capturam, modelam, direcionam, nossas vidas, e das sociedades contemporâneas que, de acordo com Agamben, “(...) se apresentam assim como corpos inertes atravessados por gigantescos processos de dessubjetivação que não correspondem a nenhuma subjetivação real” (AGAMBEN, 2009, p. 48), quais seriam as possibilidades para escapar deles e de seus processos de dessubjetivação [s]? Essa é uma difícil questão para a qual Agamben aponta a “profanação” como procedimento viável de resistência.

Caneta preta, cola em bastão, atenção e criatividade foram os elementos com os quais a artista plástica carioca pôs em prática a ideia ousada de comprar pacotes de figurinhas que completam o álbum da Copa do Mundo 2014, intervir artisticamente nos cromos, selar novamente as embalagens e devolvê-las em locais próximos às bancas de revista e outros locais de compra.

A mensagem dos adesivos modificados nos lembra: fora dos estádios a democracia e o direito a protestar estavam em jogo com a criminalização dos protestos e a criação de uma figura digna da maldade maniqueísta dos vilões das histórias infantis atribuída aos praticantes da tática black bloc. A intervenção artística nos cromos uniu dois objetos que despertam, no geral, reações opostas: a simpatia — e, por que não?, afetividade — em relação ao álbum da Copa do Mundo, e a rejeição aos manifestantes black blocs. Desde os protestos de 2013, a mídia contribuiu para a construção de uma imagem de “baderna” e “vandalismo” nas manifestações que tomaram o país. A recorrente condenação da violência de uma “minoria infiltrada” — como vários veículos midiáticos repetiram em matérias e reportagens — foi crucial na criminalização dos protestos. Assim, a resposta dos internautas à ação da artista plástica carioca foi, em sua maioria, negativa [6].

6. Vale ressaltar, no entanto, que o único *feedback* que acompanhamos foi através da postagem do Coletivo Vinhetando no site da rede social Facebook, por impossibilidade de contactar alguém que tenha encontrado as figurinhas corrompidas.



Img. 3 Intervenção gerou debate nas redes sociais. Crédito: Coletivo Vinhetando/Reprodução.

Publicada em 17 de maio deste ano, a postagem na fanpage do coletivo carioca sobre a intervenção recebeu mais de 500 curtidas e 100 comentários, além de quase mil compartilhamentos. A ação gerou debates entre os usuários da rede social. Alguns comentários irônicos (como “boa, é pintando figurinhas, que os problemas do país vão se resolver do dia pra noite” [sic], publicado em 19 de maio às 01h42 ou “a FIFA vai até cancelar a Copa do Mundo depois dessa. Que horror!!!” [sic], publicado em 18 de maio às 16h06) foram respondidos pelo próprio Coletivo Vinhetando: “piada, intervenção, ativismo, palhaçada, arte... cada um que entenda o que quiser. quem somos nós para dizer o que é ou não legítimo? cada um que use a cabeça e tire suas próprias conclusões. :)” [sic], dois dias depois da postagem.

Ora, se “aos olhos da autoridade — e, talvez, esta tenha razão — nada se assemelha melhor ao terrorista do que o homem comum” (AGAMBEN, 2009, p. 50) por estar misturado aos demais, foi disso que a artista se valeu, comprando os pacotes, participando, entrando no campo onde vale a estratégia de docilização da FIFA, e de lá agindo. Lembremos que a tática

não tem por lugar senão o do outro. E por isso deve jogar com o terreno que lhe é imposto tal como o organiza a lei de uma força estranha. Não tem meios para se manter, à distância, numa posição recuada, de previsão e de convocação própria: a tática é movimento “dentro do campo de visão do inimigo”, como dizia von Bullow, e no espaço por ele controlado. (CERTEAU, 2012, p. 94)

Se o dispositivo separa do uso comum, “a profanação é o contradispositivo que restitui ao uso comum aquilo que o sacrifício tinha separado e dividido” (AGAMBEN, 2009, p. 45). Acreditamos que, nesse sentido, a artista restituiu ao comum os cromos, ao os utilizar à sua maneira e não à maneira prevista pelos produtores. Assim, a ideia de profanar esse material configurou uma tática de levar o protesto de maneira astuta para perto dos torcedores.

Em entrevista ao jornal Folha de S.Paulo no dia 23 de maio, a artista plástica comentou sobre a ação. “Tenho visto um bando de adultos trocando figurinha, com tantos problemas sociais relacionados à Copa ocorrendo nesse momento. Acho que esse movimento aliena um pouco, principalmente as crianças. O ‘hackeamento’ também traz uma informação embutida para as crianças que não entendem ainda qual é o questionamento e o que está acontecendo no país neste momento”, afirmou.

4. “Sempre desobedecer, nunca reverenciar”

Na década de 70, o cantor cearense Belchior lançava o álbum “Alucinação”, no qual uma das faixas enfatiza: “e a única forma

que pode ser norma é nenhuma regra ter; é nunca fazer nada que o mestre mandar/ Sempre desobedecer, nunca reverenciar”. Na contramão do poder sobre a vida que nos afeta, a potência da vida é a força motriz capaz de impulsionar o homem a agir e questionar o biopoder. Em seu artigo “Biopolítica e Biopotência no coração do Império” (2002), Pelbart comenta sobre essa biopotência:

hoje em dia, ao lado das lutas tradicionais contra a dominação (de um povo sobre outro, por exemplo) e contra a exploração (de uma classe sobre outra, por exemplo), é a luta contra as formas de assujeitamento, isto é, de submissão da subjetividade, que prevalecem. Talvez a explosividade desse momento tenha a ver com a extraordinária superposição dessas três dimensões. (PELBART, 2002.)

Ocupar as ruas, portar bandeiras, repetir palavras de ordem, apropriar-se, profanar os dispositivos, agentes do biopoder para criticá-lo, tudo isso é mobilizar forças vitais. Seja transformando o “Vem pra rua!” de uma propaganda comercial da Fiat em chamado para os protestos, seja “hackeando” o álbum de figurinhas da FIFA, a biopotência dos corpos é uma possibilidade de nos arrancar do estado de naturalização dessa política institucionalizada.

Ao nos depararmos com questionamentos nos comentários do Facebook a respeito do alcance da ação e do impacto que ela teria na conjuntura do Brasil no período do mundial de futebol, pensamos — após as reflexões apresentadas ao longo do artigo — que a ação da artista plástica, enquanto procedimento de ordem tática “opera golpe por golpe, lance por lance. Aproveita as ocasiões e depende delas, sem base para estocar benefícios, aumentar a propriedade e prever saídas”, tal como define Certau (2012, p. 94-95). Ou seja, ela não tem um comprometimento com o por vir, ela surpreende em momento e de maneira inesperada.

Sabemos que as diversas reações e significações diante do que fez a artista plástica se devem, principalmente, a dois fatores: o primeiro é seu caráter artístico, e o segundo por se tratar de uma intervenção, que entendemos como:

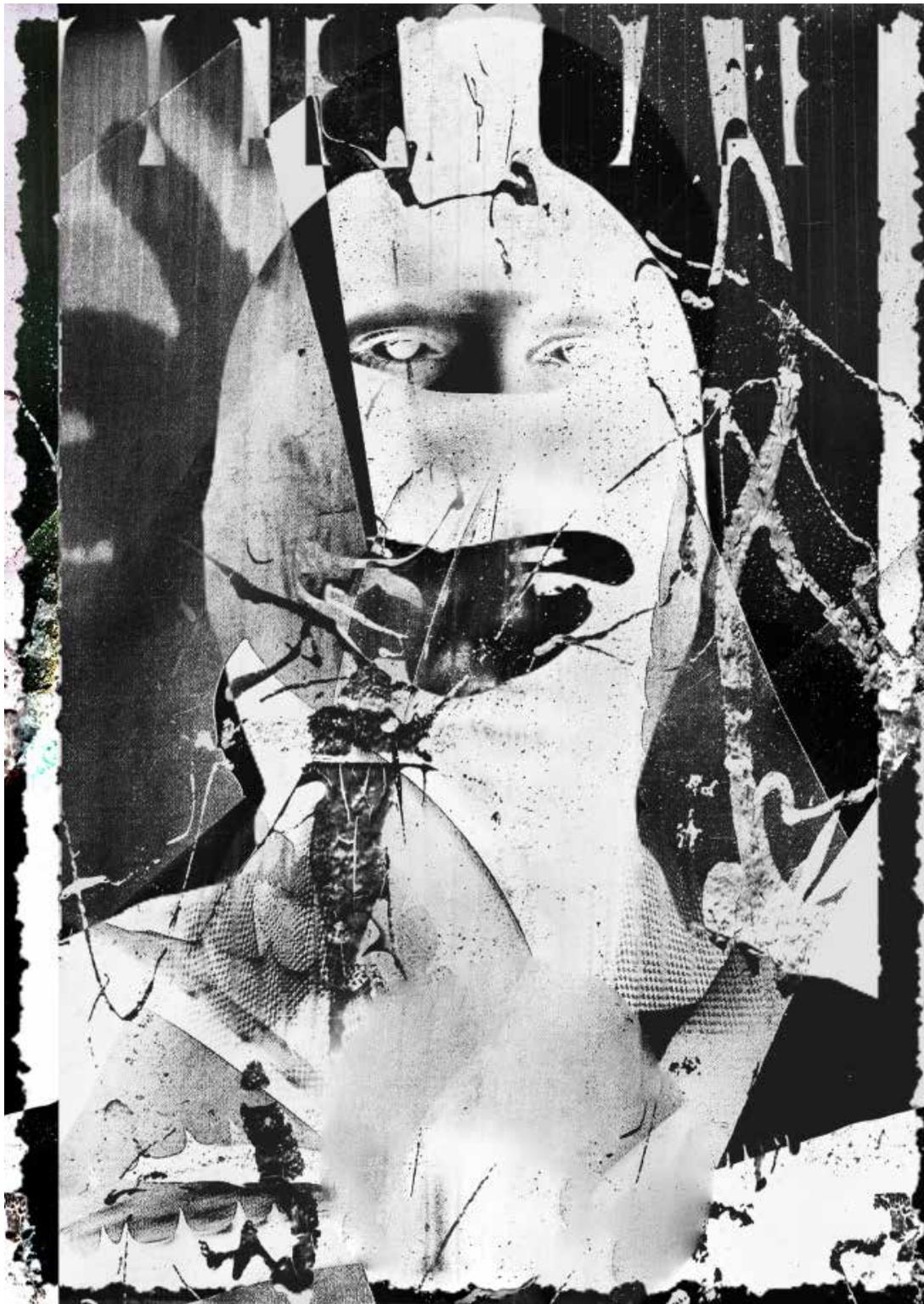
um movimento cognitivo de breakdown (VARELA, THOMPSON e RUSCH, 2003), ou seja, uma quebra ou rachadura no fluxo cognitivo, na cadeia de padrões e pensamentos habituais e pré-concepções, de forma a ser uma reflexão aberta a possibilidades diferentes daquelas contidas nas representações comuns que uma pessoa tem. (LOPES e DIEHL, 2012, p. 138)

Nos questionamos se, em certa medida, a intervenção seria capaz de, em pequena escala, significar o direito à escolha e participação dos cidadãos que foram por diversas vezes excluídos do megaevento, se considerarmos práticas impostas pelo Estado — tais como remoções

de famílias de baixa renda, os perímetros impostos ao redor dos estádios, entre outras medidas dispostas na Lei Geral da Copa e até a própria criação dessa lei. Qualquer resposta seria mero rascunho, mas consideramos que, como sugere Agamben, o que mais vale é a restituição do comum a que a profanação dos cromos nos remete. O que mais vale é o despontar de insubordinação, a manifestação da potência da vida diante do poder sobre a vida.

* Bruna Luyza Forte Lima Oliveira, estudante de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista de Extensão na área de Jornalismo no Terceiro Setor.

* Grazielle Barros da Silva, estudante de Comunicação Social da Universidade Federal do Ceará (UFC). Bolsista de Iniciação à Docência na Universidade Federal do Ceará.



REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Chapecó: Argos Editora da Unochapecó, 2009.

CERTEAU, Michel de. **A invenção do cotidiano: 1. artes de fazer**. Petrópolis: Vozes, 2012.

FOUCAULT, Michel. **Microfísica do Poder**. Organização e tradução de Roberto Machado. Rio de Janeiro: Edições Graal, 1979.

P. LOPES, Graziela e DIEHL, Rafael. Intervir. In: FONSECA, Tania Mara Galli, NASCIMENTO, Maria Líviado e MARASCHIN, Cleci. **Pesquisar na diferença: um abecedário**. Porto Alegre: Sulinas, 2012. p. 137-139.

PELBART, Peter Pál. "Biopolítica". **Revista Sala Preta**, São Paulo, v. 7, p. 57-66, 2007. Disponível em: <http://revistas.usp.br/salapreta/issue/view/4699/showToc>. Acesso em 16 de julho de 2014.

PELBART, Peter Pál. **Vida Capital: Ensaios de Biopolítica**. São Paulo: Iluminuras, 2011.

PELBART, Peter Pál. "Biopolítica e Biopotência no coração do Império". 2002. **Multitudes, revue politique, artistique, philosophique**. Disponível em: <http://www.multitudes.net/Biopolitica-e-Biopotencia-no/>. Acesso em 31 de julho de 2014.

RECUERO, Raquel. **Redes Sociais na Internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009. (Coleção Cibercultura).